

**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Mato Grosso
Cáceres - Mato Grosso - Brasil**

Revista da Faculdade de Educação - Vol. 41, (Jan/Dez) de 2025
ISSN: 2178-7476



**'PRECEPTORIA EM ENFERMAGEM EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA: CONTRIBUIÇÃO
PARA A INTEGRAÇÃO ENSINO-SERVIÇO**

**PRECEPTORSHIP IN NURSING AT A PUBLIC UNIVERSITY: CONTRIBUTION TO TEACHING-
SERVICE INTEGRATION**

**PRECEPTORÍA DE ENFERMERÍA EN UNA UNIVERSIDAD PÚBLICA: CONTRIBUCIÓN A LA
INTEGRACIÓN DOCENCIA-SERVICIO**

Natália Gentil Lima

Universidade do Estado de Mato Grosso
<https://orcid.org/0000-0002-8721-1454>
e-mail: natalia.gentil@unemat.br

Loriége Pessoa Bitencourt

Universidade do Estado de Mato Grosso
<https://orcid.org/0000-0002-7643-2091>
e-mail: loriege.pessoa@unemat.br

Fabiana Aparecida da Silva

Universidade do Estado de Mato Grosso
<https://orcid.org/0000-0003-4239-8355>
e-mail: loriege.pessoa@unemat.br

RESUMO: A Preceptoria é uma atividade educacional que envolve os profissionais dos serviços de saúde, denominados preceptores, e tem o objetivo de fomentar a articulação entre a educação superior e a assistência à saúde. O objetivo desta pesquisa foi analisar a percepção dos docentes, estudantes e preceptores sobre a integração ensino-serviço a partir da implementação da Preceptoria em um Curso de Bacharelado em Enfermagem de uma universidade pública. Trata-se de um estudo descritivo, analítico, com abordagem qualitativa, que teve como procedimentos de coleta de dados a entrevista realizada com docentes, preceptores e estudantes. O estudo confirmou que a Preceptoria em Enfermagem, na modalidade implantada pela universidade, pode ser considerada uma atividade fortalecedora da integração ensino-serviço. A Preceptoria possibilitou a aproximação entre o ensino e o serviço de saúde por meio de um trabalho coletivo capaz de problematizar os espaços de formação, identificando as necessidades de mudanças e promovendo transformações para ambos.

PALAVRAS-CHAVE: ensino, universidade, enfermagem.

ABSTRACT: Preceptorship is an educational activity that involves health service professionals, known as preceptors, and aims to foster the connection between higher education and health care. The objective of this research was to analyze the perception of professors, students and preceptors about the teaching-service integration based on the implementation of Preceptorship in a Bachelor's Degree in Nursing at a public university. This is a descriptive, analytical study with a qualitative approach, which used interviews with professors, preceptors and students as data collection procedures. The study confirmed that Preceptorship in Nursing, in the modality implemented by the university, can be considered an activity that strengthens the teaching-service integration. Preceptorship enabled the approximation between teaching and health services through collective work capable of problematizing the training spaces, identifying the need for changes and promoting transformations for both.

KEYWORDS: teaching, university, nursing.

RESUMEN: La preceptoría es una actividad educativa que involucra a profesionales de servicios de salud, llamados preceptores, y tiene como objetivo fomentar la articulación entre la educación superior y la atención a la salud. El objetivo de esta investigación fue analizar la percepción de docentes, estudiantes y preceptores sobre la integración enseñanza-servicio a partir de la implementación de la Preceptoría en la Licenciatura en Enfermería de una universidad pública. Se trata de un estudio descriptivo, analítico, con enfoque cualitativo, que utilizó como procedimiento de recolección de datos entrevistas a docentes, tutores y estudiantes. El estudio confirmó que la Preceptoría de Enfermería, en la modalidad implementada por la universidad, puede ser considerada una actividad que fortalece la integración enseñanza-servicio. La Preceptoría posibilitó acercar la enseñanza y los servicios de salud a través de un trabajo colectivo capaz de problematizar los espacios de formación, identificar la necesidad de cambios y promover transformaciones para ambos.

PALABRAS CLAVE: docencia, universidad, enfermería.

Introdução

No âmbito da formação superior na área da saúde, discute-se amplamente a integração ensino-serviço, entendida como um trabalho coletivo, pactuado e integrado entre estudantes, docentes universitários, trabalhadores dos serviços de saúde e gestores. A integração tem como finalidade qualificar a atenção à saúde, promover o desenvolvimento dos trabalhadores dos serviços e, principalmente, aprimorar a formação profissional (Albuquerque et al., 2008).

Ao longo dos últimos quinze anos, o Ministério da Saúde, por meio da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES), instituiu diversos programas e políticas de incentivo e reorientação à formação profissional, a fim de aproximar os espaços e fortalecer as relações de compromisso e de cooperação entre estudantes, gestores e profissionais da saúde, instituições de Educação Superior (IES) e movimentos sociais. Dentre os principais, destacam-se o Programa de Incentivo às Mudanças Curriculares nos Cursos de Medicina (PROMED), o Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (PRÓ-SAÚDE) e o Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde (PETSaúde) (Brasil, 2007; Vendruscolo et al., 2016; Silva et al., 2018)

Não há dúvidas quanto a contribuição desses programas para a aproximação entre as IES e os serviços de saúde, favorecendo uma formação mais próxima à realidade e comprometida com o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS). No entanto, é importante reconhecer que, apesar dos avanços, tais iniciativas governamentais possuem caráter temporário e sem garantia de

continuidade (Silva et al., 2018), além de não serem suficientes para promover transformações na formação e nas práticas em saúde.

Dessa forma, considerando a necessidade de aproximação entre os espaços formativos, de modo a provocar mudanças mais efetivas, consistentes e contínuas na formação, emerge a necessidade de se discutir sobre o papel da Preceptoria em saúde neste contexto. A Preceptoria é uma atividade educacional desenvolvida no cotidiano dos serviços de saúde, por meio da atuação de profissionais, denominados preceptores, que em conjunto com os docentes universitários assumem a responsabilidade pela formação de futuros profissionais. A Preceptoria visa contribuir para a formação de profissionais com perfil alinhado às necessidades de saúde da população e às políticas públicas, além de fortalecer a articulação entre a Educação Superior e os serviços de saúde (UNEMAT, 2018).

Inserida nesse contexto, em 2022, foi concluída, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), na linha de pesquisa: Formação de Professores, Políticas e Práticas Pedagógicas, a dissertação de mestrado intitulada: *A Pedagogia Universitária na preceptoria em enfermagem: práticas pedagógicas, papéis e as inter-relações dos sujeitos no processo formativo*, e a partir dela que se produziu este artigo.

A pesquisa de Lima (2022) constatou que a Preceptoria em Enfermagem foi implementada no ano de 2018, na referida universidade, nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado (ECS) I e II. Nesse modelo, os estudantes realizam os estágios nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e hospitais acompanhados pelos preceptores e supervisionados, semanalmente, pelos docentes universitários. Assim, a Preceptoria coloca o profissional do serviço de saúde na posição de participante do processo formativo e desvela a necessidade de maior aproximação entre o ensino e o serviço de saúde.

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a percepção dos docentes, estudantes e preceptores sobre a integração ensino-serviço a partir da implementação da Preceptoria no Curso de Bacharelado em Enfermagem da UNEMAT, campus de Cáceres-MT, e os seus impactos no processo formativo.

Material e métodos

Este artigo tem por base a dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação de uma Universidade Pública do Estado de Mato Grosso, no período de 2020 a 2022.

Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva e analítica, com abordagem qualitativa. Os procedimentos metodológicos incluíram a pesquisa documental e de campo. Neste artigo, apresenta-se um recorte da pesquisa campo, realizada por meio de entrevistas com os envolvidos na Preceptoria em Enfermagem. Os critérios de inclusão foram: docentes coordenadores de Preceptoria e preceptores do Curso de Bacharelado em Enfermagem da UNEMAT, campus de Cáceres, que

atuaram nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado I e II no ano de 2019; egressos do Curso de Bacharelado em Enfermagem da UNEMAT, campus de Cáceres, que tenham se formado em 2019/2 e tenham cursado as disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado I e II na modalidade de Preceptoria.

Para a etapa inicial da coleta de dados, foi aplicado um questionário online, utilizando a plataforma *Google Forms*, aos docentes, preceptores e egressos, atendendo aos critérios de inclusão supracitados. O questionário para docentes e preceptores, abordava aspectos relacionados a formação acadêmica, experiência profissional e atuação na preceptoria; para os egressos, as perguntas eram referentes a experiência formativa nesse modelo de ensino. A partir do questionário, foram selecionados os participantes para as entrevistas mediante aceitação dos mesmos. Ao total, foram entrevistados dois docentes coordenadores de Preceptoria, cinco preceptores e sete estudantes.

Para garantir maior rigor e confiabilidade à pesquisa qualitativa, planejou-se o processo das entrevistas conforme os critérios estabelecidos pelo Consolidated criteria for reporting qualitative research - COREQ (Tong; Sainsbury; Craig, 2007).

Devido ao contexto da pandemia do Covid-19, as entrevistas foram realizadas de forma remota, por meio de plataforma on-line, o *Google Meet*. Foram realizadas de forma individual com base em um roteiro semiestruturado previamente elaborado, e mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Cada entrevista teve duração média de 25 minutos, foi gravada e, posteriormente, transcrita para análise.

A pesquisa seguiu os princípios éticos, sendo autorizada pelo Comitê de Ética da UNEMAT sob o Parecer nº 4.778.032. Para assegurar o anonimato dos participantes eles foram identificados pelos termos “Docente”, “Preceptor” e “Estudante” (refere-se ao egresso) seguidos de ordem numérica (ex. Docente 1, Preceptor 1, Estudante 1).

A análise dos dados da entrevista foi feita por meio da técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2016), que é constituída por três etapas: pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos/ interpretação.

Resultados e Discussão

Os dados obtidos nas entrevistas foram organizados em duas categorias de análise: 1) Relações entre universidade e serviço de saúde antes da Preceptoria e 2) Integração ensino-serviço: o que mudou após a Preceptoria? Dentro das categorias discute-se as mudanças nas relações entre docente e profissional do serviço de saúde e o planejamento pedagógico antes e após a Preceptoria, bem como apresenta-se as contribuições da Preceptoria para os preceptores e serviços de saúde.

Relações entre universidade e serviço de saúde antes da Preceptoria

Segundo os depoimentos dos participantes da pesquisa, antes da implementação da Preceptoria, as relações entre o docente universitário e o enfermeiro atuante no serviço de saúde, eram marcadas por um certo distanciamento e falta de diálogo:

“[...] eu dependia muito dessa interação junto com o enfermeiro da unidade para conseguir alguns procedimentos, ter acesso a alguns documentos, eu achava isso, às vezes, um pouco difícil. [...] os enfermeiros tinham um pouco de receio com a presença dos professores e os professores se viam assim mais na postura de tentar conquistar o seu espaço ali [...] tinha que pedir permissão, as senhas dos sistemas eram individuais [...] a gente via uma certa dificuldade de liberdade do professor dentro do campo de estágio” (Docente 2).

“[...] Ele [o professor] precisava ainda ganhar a confiança dos membros da equipe de enfermagem que lá estavam, conquistar um espaço, não somente o físico, porque o físico também tinha que ser conquistado, um espaço para sentar, pra poder compartilhar um computador, mas um espaço de profissão com outro colega. E muitas vezes isso dificultava a autonomia desse professor e acabava que espelhava também nesse acadêmico que tinha que fazer o estágio dentro daquelas limitações que o professor dele tinha: de acesso, de espaço, de acesso ao cuidado, de acesso ao computador, de prontuário [...]” (Docente 1).

De acordo com os relatos, os docentes encontravam dificuldades no uso do espaço físico dos serviços de saúde, na interação com os profissionais da equipe e na condução das atividades de ensino. Inicialmente, o docente, precisava solicitar permissão ao enfermeiro para realizar os atendimentos, uma vez que, por exemplo, o acesso aos sistemas de saúde exigia senha e esta era de uso pessoal do enfermeiro. Essas dificuldades também foram apontadas por Cavalheiros e Guimarães (2011), que identificaram resistência dos profissionais do serviço de saúde em ceder espaço para a universidade.

Para Vendruscolo et al. (2016), é comum que os profissionais não demonstrem interesse ou motivação para acompanhar as atividades desenvolvidas pelos estudantes, por considerarem essa função responsabilidade exclusiva da IES. Assim, não percebem que tais experiências constituem-se em oportunidades de aprimoramento do serviço e da educação permanente dos profissionais.

A Preceptora 1 também destacou dificuldades nas relações institucionais. Antes de assumir o papel de preceptora, ela já atuava como enfermeira na Unidade Básica de Saúde onde os estágios ocorriam, o que lhe permitiu vivenciar diretamente os desafios dessa relação ainda pouco estruturada entre serviço e universidade:

“[...] acredito que antes da preceptoria não existia uma comunicação efetiva, a gente não tinha nenhum vínculo com a universidade [...]. O que a gente conhecia era os professores das disciplinas que vinham utilizar a unidade como campo de estágio, mas raramente a gente conseguia se conectar [...]” (Preceptora 1).

As dificuldades relatadas por docentes e preceptores, refletiam na formação dos estudantes e eram percebidas por eles:

“[...] às vezes fica algo limitado na hora de fazer um estágio porque o professor não é dali, ele vai pedir licença para fazer, ele vai perguntar se a gente pode fazer [...] tinha coisas que a gente não participava, a gente olhava de longe” (Estudante 4).

“[...] com o professor, querendo ou não, a gente fica um pouco mais travado, no sentido de que não é o local de trabalho dele ali [...]” (Estudante 6).

Nota-se que docentes, preceptores e estudantes, compartilham percepções semelhantes em relação às dificuldades enfrentadas na relação entre a universidade e os serviços de saúde antes da implementação da Preceptoria e os seus reflexos na formação. No cenário descrito, os espaços de atuação de cada um — docente e enfermeiro — eram distintos, resultando em um fazer acadêmico distante de um fazer da prática profissional (Vasconcelos et al., 2016).

A formação em saúde demanda novos contextos para o ensino e a aprendizagem, indo além da mera utilização da rede de serviços como campo de prática. Torna-se fundamental repensar a articulação entre teoria e prática, ensino, aprendizagem e trabalho, e, sobretudo, o papel social da universidade (Vasconcelos et al., 2016).

A formação universitária deve estar alinhada ao contexto social e aos desafios da profissão, contribuindo para o desenvolvimento de competências, compreendidas como a “capacidade de lidar com situações complexas, incertas e imprevisíveis de forma inteligente, crítica, criativa e pertinente, tanto técnica como eticamente” (Soares, 2020, p. 135). Portanto, os estudantes devem encontrar espaços para questionar, problematizar, refletir, integrar teoria e prática, e enfrentar os problemas do campo profissional (Soares, 2020), e esses espaços devem ser construídos mediante articulação entre a IES e o serviço de saúde.

Em relação ao planejamento pedagógico, os entrevistados relatam que antes da implementação da Preceptoria não havia um planejamento conjunto entre universidade e serviços de saúde. O profissional do serviço não participava da elaboração dos planos de ensino das disciplinas de ECS, aspecto que tem relação com o que se discutiu anteriormente, as dificuldades na relação entre o docente e o enfermeiro do serviço:

“Na modalidade tradicional existia um plano de ensino, mas não havia a participação dos enfermeiros na construção [...]. Antigamente o enfermeiro só recebia a gente e não tinha responsabilidade nenhuma [...]” (Docente 2).

“[...] simplesmente os professores vinham com o planejamento da universidade já pronto, estruturado, somente para a parte de execução e a unidade saúde ela “ficava vendida” para aquele projeto que já vinha pronto e que muitas vezes não atendia a real necessidade da unidade de saúde [...]” (Preceptora 1).

Conforme os relatos, a universidade chegava ao serviço de saúde com um planejamento previamente definido, sem discutir com os profissionais se as atividades propostas contribuiriam com o serviço. Muitas vezes, esses profissionais precisavam adaptar a sua rotina para atender ao planejamento da universidade:

“Às vezes vinha “eu quero fazer tal coisa” e não era a programação da unidade porque você sabe que tem os horários, os dias, [...] aí querer que a equipe mude os dias era bem complicado, bem difícil, porque você não tem como trocar, cada turma que entrar você trocar o dia, vira uma bagunça na cabeça da comunidade [...]” (Preceptora 3).

A estrutura anterior à Preceptoria revelava uma lógica de organização do ECS que excluía os serviços de saúde das decisões pedagógicas, denotando um trabalho que atendia necessidades unilaterais, gerando práticas desiguais em contextos únicos (Zarpelon; Batista, 2022). As relações eram marcadas por distanciamento, pouco diálogo e falta de planejamento conjunto, configurando uma frágil integração entre o ensino e os serviços.

Outras pesquisas também constataram um distanciamento e pouca comunicação entre a universidade e os serviços de saúde (Rodrigues, 2012a; Aguiar, 2013; Carmo, 2013; Oliveira, 2014; Oliveira, 2015; Rodrigues, 2017). De acordo com Vasconcelos et al. (2016), embora os profissionais soubessem da presença da universidade no serviço de saúde, não eram capazes de reconhecer ou detalhar as ações desenvolvidas, justamente por estarem distantes do planejamento e avaliação das propostas. Essa falta de diálogo gera desafios para a formação dos profissionais de saúde, uma vez que os objetivos não são estabelecidos em conjunto e o trabalho é organizado em lógicas distintas.

Os desafios nas relações entre os envolvidos, como as ações desarticuladas e não planejadas, citadas pela Preceptora 3, provocam o distanciamento entre a instituição de ensino e os serviços de saúde, bem como singularidades que resultam em diferentes graus de comprometimento e disponibilidade, o que compromete a construção de uma relação efetiva (Zarpelon; Batista, 2022).

O planejamento é um elemento estruturante das atividades pedagógicas nas instituições educativas. Como destacam Pimenta e Anastasiou (2005), ele requer metodologias adequadas para alcançar seus objetivos e conteúdos. Para que esse planejamento tenha sentido, é necessário que atenda às expectativas educacionais de uma comunidade social (Franco, 2016). Assim, no âmbito da Preceptoria, o planejamento deve ser realizado de forma colaborativa entre a academia e os serviços de saúde, permitindo a construção de um processo de ensino-aprendizagem alinhado aos propósitos de ambos os espaços.

O diálogo deve ser o principal elemento orientador desse planejamento, fundamentado na valorização tanto dos saberes acadêmicos quanto das experiências práticas oriundas do cotidiano do trabalho em saúde (Araújo et al., 2021).

Integração ensino-serviço: o que mudou após a Preceptoria?

A Preceptoria em Enfermagem, na UNEMAT, é regulamentada por resolução interna (Nº 047/208-CONPE) que estabelece as normas e procedimentos para as disciplinas de estágio. A resolução apresenta a definição, os objetivos e as formas de organização da preceptoria, bem como as funções do docente coordenador de preceptoria, preceptor e estudante. A implementação da

Preceptoria e, sobretudo, a criação dessa normativa específica, contribuiu para mudanças nas relações entre universidade e serviço de saúde, conforme relatado pelos entrevistados:

“[...] essa aproximação melhorou muito” (Docente 2).

“Eu acho que mudou muito a relação porque eu acredito que sequer existia uma relação entre entidade de ensino e unidade de saúde [...]” (Preceptora 1).

A relação entre docentes e enfermeiros preceptores, tornou-se mais próxima após a implementação da Preceptoria. Essa mudança também foi percebida pelos estudantes que relataram melhorias significativas em seu processo de ensino-aprendizagem. A presença do preceptor no cotidiano do estágio reduziu as barreiras anteriormente enfrentadas no desenvolvimento das atividades nos serviços de saúde:

“O preceptor entra como um facilitador para o aprendizado [...] não tinha mais aquela barreira da questão da permissão. [...] Na preceptoria é o enfermeiro da unidade, o enfermeiro do setor que é o responsável então ele tinha a liberdade de nos deixar atuar, realizar os cuidados mais tranquilamente” (Estudante 6).

“[...] quando você vai para campo, você fica muito preso porque você não conhece o setor ou porque você não pode fazer as coisas sem estar sob a supervisão do professor. Já na preceptoria, por mais que você esteja sob uma supervisão, é diferente, entendeu? Assim, ele [o preceptor] te dá muita autonomia, te dá possibilidade [...]” (Estudante 8)

A preceptoria, ela te deixa mais livre [...] para você tomar decisões junto com o preceptor [...]” (Estudante 4).

Experiências semelhantes foram descritas por estudantes do curso de enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) que relataram sentir receio ao realizarem alguns procedimentos durante o estágio, mas avaliam a presença do preceptor como um diferencial para a qualidade da formação (Queiroz et al., 2021). Estudantes de enfermagem de uma universidade de Mato Grosso, também avaliaram a preceptoria como estratégia positiva para o processo formativo, possibilitando maior liberdade e autonomia durante o estágio (Silva et al., 2022).

As barreiras existentes nas relações começaram a ser superadas a partir do momento em que o enfermeiro se tornou preceptor, ganhou nome e função dentro do processo formativo, e isso fez com que se sentisse valorizado, reconhecido no seu saber e fazer:

“[...] hoje o enfermeiro que é da unidade de saúde e é preceptor ele consegue se enxergar inserido dentro da universidade, e, também, se sente provocado, estimulado, valorizado pela instituição de educação na qual ele está vinculado [...]” (Preceptora 1).

“[...] o planejamento é feito em conjunto para que as ações sejam articuladas para atingir não só os objetivos da academia, mas também os objetivos institucionais. Há uma proximidade maior [...]” (Docente 1).

“Hoje o serviço de saúde participa mais dos planejamentos, das decisões [...] nós participamos do planejamento, a gente vai adaptando dentro da realidade da unidade” (Preceptora 6).

Conforme pontuado pelo Docente 1 e corroborado pela Preceptora 6, a partir da implementação da Preceptoria, as atividades passaram a ser planejadas em conjunto, com o intuito de atender não apenas os objetivos da universidade, mas também as demandas dos serviços de saúde, por meio da participação dos preceptores nos processos como um todo, aproximando as instituições e os profissionais. Os relatos evidenciam que uma boa comunicação, a definição clara de papéis e o planejamento conjunto são elementos essenciais para a efetivação da integração ensino-serviço (Zarpelon; Batista; 2022).

Para os docentes, o preceptor é parte da Universidade e, também, assume responsabilidades:

“No formato de preceptoria a participação do preceptor é bem maior, então desde as primeiras turmas a gente tenta trazer para dentro da disciplina o olhar do preceptor [...]. Eu percebo que há uma melhora grande nesse sentido. [...] ele [o preceptor] tem uma responsabilidade a mais enquanto preceptor, enquanto parte integrante da instituição de ensino” (Docente 2).

Quando o preceptor compreende os processos formativos e se sente parte do planejamento, assume com maior responsabilidade o seu papel na formação dos estudantes. As dificuldades passam a ser compartilhadas, assim como as soluções são construídas coletivamente, de modo que a Universidade e os serviços possam se tornar consoantes em seus objetivos (Rodrigues, 2012b).

Os docentes e preceptores se reúnem no início de cada semestre para planejar as atividades que serão desenvolvidas, considerando os objetivos formativos e as especificidades de cada serviço de saúde:

[...] primeiro discute quais foram as problemáticas do semestre passado, as dificuldades encontradas, e aí, dentro dessa proposta, do que aconteceu que foi legal, a gente pensa em comum acordo e replica aquilo que foi positivo e aquilo que não foi positivo a gente traça estratégias para que não aconteça novamente (Docente 3).

[...] Então a gente costuma ter pelo menos uma reunião por semestre ou um ou dois encontros de preceptoria onde a gente compartilhava essas experiências exitosas, algumas fracassadas também né, onde estava tendo dificuldade a gente pensava em possibilidade de melhoria principalmente para o próximo semestre (Docente 2).

A incorporação de vários profissionais no planejamento e avaliação das propostas de ensino-aprendizagem contribui para fortalecer o SUS enquanto cenário formativo em saúde e propicia espaços para (re)pensar o cotidiano de trabalho e as práticas profissionais (Vasconcelos et al., 2016), atendendo às necessidades dos serviços, dos estudantes e dos usuários (Santos, 2025).

Apesar dos avanços, algumas pesquisas evidenciam desafios importantes. De acordo com Paula e Toassi (2021), uma das fragilidades observadas diz respeito a relação do preceptor com a IES. Nas pesquisas de Silva et al. (2014) e Lima et al. (2020), os preceptores não participavam do planejamento junto a IES, e não existia orientação da universidade sobre as atividades que deveriam ser desenvolvidas. Neste caso, os preceptores atuavam dentro de suas possibilidades para contribuir

com um processo formativo, ao qual desconhecia os propósitos. Da mesma forma, Lima e Chrizostimo (2023) identificaram participação incipiente do preceptor no planejamento dos estágios.

A desarticulação entre o serviço de saúde e a universidade, caracterizada pela falta de um acompanhamento da IES, faz com que os preceptores se sintam sem o suporte pedagógico necessário para o desenvolvimento do seu papel, como apontado nas pesquisas de Carvalho; Fagundes (2008), Oliveira (2014) e Aguiar (2013), onde os preceptores manifestaram falta de apoio para o cumprimento das atividades propostas e no processo de avaliação dos estudantes.

Em contrapartida, os achados de Araújo et al. (2021) e Palmier et al. (2021) corroboram com os desta pesquisa, ao evidenciarem uma participação mais efetiva dos preceptores no planejamento das atividades de estágio com o objetivo de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, o que implica em maior integração entre o ensino e o serviço de saúde.

Outro aspecto essencial do planejamento é a avaliação dos processos vividos. Segundo os docentes, no início de cada semestre, é realizada uma reunião com os preceptores para discutir os aspectos positivos e as dificuldades enfrentadas no semestre anterior, com o objetivo de aprimorar o processo formativo de forma contínua e participativa.

“[...] primeiro discute quais foram as problemáticas do semestre passado, as dificuldades encontradas, e aí a gente pensa em comum acordo e replica aquilo que foi positivo e aquilo que não foi positivo a gente traça estratégias para que não aconteça novamente” (Docente 1).

As reuniões entre docentes e preceptores contribuem para planejar e organizar a preceptoria, permitindo a discussão em pares sobre as barreiras e os êxitos conquistados (Leal et al., 2024). Além dessas reuniões, o Docente 2 relata que é realizada uma avaliação ao final do estágio, com os preceptores e os estudantes:

“[...] No encerramento da disciplina a gente também tem aplicado um instrumento de avaliação tanto para o aluno quanto para o preceptor [...] então ele pode dar sugestão de melhoria para a disciplina. [...] para que ele compartilhe as experiências positivas e negativas também [...]. Hoje eu observo uma melhora com relação ao desenvolvimento mesmo da disciplina, como o planejamento geral” (Docente 2).

Uma das características do planejamento é justamente essa apontada pelo docente: a avaliação como um feedback necessário à (re)adaptação constante. O planejamento é um processo que exige o exercício de reflexão, de tomada de decisões, não é algo permanente (Batista, 2004).

Nota-se que a prática docente, no contexto da Preceptoria em Enfermagem na UNEMAT, está atravessada por uma postura de avaliação crítica dos processos formativos, evidenciando o comprometimento dos envolvidos com a melhoria contínua da educação. Para Freire (2000), a prática docente crítica envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Dessa forma, rever cotidianamente as práticas adotadas, refletir sobre o que tem dado certo ou não e ter disponibilidade para mudar permite a construção de novas possibilidades, compromissos, rupturas

e tomadas de decisão.

A aproximação entre a universidade e os serviços de serviço de saúde, após a implementação da Preceptoria, gerou inúmeras contribuições para os serviços e preceptores. Uma das principais contribuições se refere ao desenvolvimento de um projeto de intervenção, que é uma atividade estabelecida nas disciplinas de ECS. Com base no levantamento dos principais problemas do serviço, os estudantes elaboram um projeto, auxiliados pelo docente e pelo preceptor:

“Antigamente não existia esse formato de devolutiva para a unidade em formato de plano de trabalho do estágio. [...] A proposta da preceptoria, desde o início, era fazer uma devolutiva para aquela unidade, um plano de trabalho onde tenta intervir em alguma realidade, em algum ponto fraco. [...] um trabalho que realmente interfira, que impacte nos indicadores de saúde [...]” (Docente 2).

“[...] eles [os estudantes] contribuem com os projetos que eles fazem, [...] contribuem bastante com o serviço” (Preceptora 6).

“[...] foi um ganho muito grande para a comunidade também” (Preceptora 3).

Conforme relatado, o desenvolvimento dessa atividade contribui significativamente para o aprimoramento dos serviços de saúde e, conseqüentemente, gera benefícios para os pacientes e a comunidade, através das atividades de pesquisa e desenvolvimento de projetos (Lima, et al., 2020).

Docentes e preceptores também relataram que os estudantes auxiliam o serviço de saúde:

“[...] um auxílio na mão de obra deles [preceptores] porque a gente sabe que grande parte dos setores possuem equipe de enfermagem em defasagem. Então quando os acadêmicos estão ali, eles somam para finalização de relatórios, para a execução de atividades de educação, no próprio cuidado com o cliente [...]” (Docente 1).

“[...] depois que eles [estudantes] se adaptam à rotina da unidade, eles acabam ajudando muito a equipe porque eles têm o conhecimento, eles estão na fase final [...] então eles acompanham os agentes de saúde na visita domiciliar, ajudam nos procedimentos técnicos, tomam algumas decisões, ajudam no planejamento dos atendimentos. Então assim, teve alguns que criaram planilhas de atendimento, que até hoje nós usamos [...] ajuda o serviço fluir de uma forma mais rápida [...]” (Preceptora 6).

Nota-se que os estudantes colaboram ativamente com o trabalho desenvolvido nos serviços de saúde por meio da realização de atividades, procedimentos, consultas, bem como na elaboração e implementação de novas propostas. Ainda que a preceptoria não tenha como finalidade oferecer mão de obra aos serviços de saúde, acaba por aliviar, em certa medida, a carga de trabalho do enfermeiro (Oliveira, 2014).

Além das contribuições aos serviços de saúde, a preceptoria tem se mostrado importante para os próprios preceptores, em diversos aspectos, reconhecidos por eles e pelos docentes:

“Eu vejo que há um ganho também para o preceptor porque ele ganha um fôlego [...], olhando lá para trás quando fui enfermeiro de ESF, às vezes a gente trabalhava desmotivado e com esses grupos de estágio a gente ganhava fôlego, eu digo fôlego para desenvolver certas atividades que muitas vezes a gente se via sozinho dependendo do perfil do colega médico, dependendo do perfil da equipe, da motivação. [...] com os acadêmicos é uma motivação a mais, um gás a mais para estar desenvolvendo essas atividades rotineiras” (Docente 2).

“Os alunos trazem um gás para nós. A gente que está atuando há mais tempo, às vezes, você desanima um pouco com “os perrengues” da própria profissão, da condição de trabalho, da desvalorização profissional. A gente passa por isso, então quando eles vêm com aquele gás, com aquela alegria, com aquela bagagem que vem da sala de aula, então dá um fortalecimento muito grande, entendeu? [...]” (Preceptora 3).

O Docente 2 e a Preceptora 3 compartilham da mesma percepção de que os estudantes motivam o trabalho de profissionais que há anos desempenham aquela função e que muitas vezes desanimam em virtude das dificuldades enfrentadas no dia a dia, corroborando com a pesquisa desenvolvida por Palmier et al. (2021). Além da motivação, há o sentimento de valorização:

“[...] a gente se sente também prestigiado no momento em que a universidade abre as portas para os enfermeiros preceptores, o que antes a gente não tinha. [...] a preceptoria fez com que se abrisse as portas da universidade para os preceptores e dessa forma a gente conseguiu adentrar esse mundo acadêmico [...]” (Preceptora 1).

“Eu me sinto parte [da universidade] [...] eu acredito que isso é importante para nós [...] na verdade isso me fez sentir vontade de estudar novamente” (Preceptora 6).

“Eu acho que com as iniciativas da própria disciplina, eles [os preceptores] começaram a se sentir mais pertencentes à própria Instituição [...]” (Docente 2).

Os aspectos motivação, valorização e reconhecimento estão presentes nas falas dos sujeitos, gerando pertencimento e identidade com o processo formativo, assim como apontado por Pereira et al. (2023). Outra questão interessante é que a preceptoria estimulou os profissionais a buscar novos conhecimentos, atualizar-se e repensar suas práticas, conforme evidenciado nas falas:

“Eu acredito que a partir do momento que a gente tem a responsabilidade de estar norteando, guiando esses alunos na busca por esse conhecimento no seu processo de formação, eu acho que a gente repensa algumas coisas, revê algumas atitudes, algumas coisas que faziam parte da nossa práxis, então a gente procura sempre estar atualizado com relação aos conteúdos. O preceptor é constantemente tirado da sua zona de conforto, é provocado a buscar esses novos conhecimentos” (Preceptora 1).

“[...] o preceptor cresce muito porque ele está dentro desse meio acadêmico, ele tem que estudar, [...] os alunos trazem atualizações, situações que nós, em nosso tempo de formação, não tínhamos, era tudo muito diferente. Então a gente acaba se atualizando, a gente acaba trocando experiências e isso é muito importante” (Preceptora 6).

“[...] a preceptoria, muitas vezes nos obriga a estudar, a procurar porque a gente quer dar o melhor para esses acadêmicos que estão com a gente. Então assim, nos obriga a aprofundar mais, os estudantes vêm com perguntas, então você tem que estar ali para ajudar e sanar, então é um ganho profissional” (Preceptora 3).

Para a Preceptora 1, a presença dos estudantes na unidade sob sua supervisão promove reflexões sobre o seu fazer e, possivelmente, acaba por produzir uma atuação mais cuidadosa e atenta, potencializando novas práticas profissionais (Oliveira, 2014; Vasconcelos et al., 2016).

A preceptora 6 reconhece que há momentos de troca de saberes com os estudantes, o que contribui para a sua atualização e a convoca a adotar uma postura diferenciada daquela do início da sua carreira profissional, considerando as mudanças na profissão desde a sua formação. É necessário,

também, repensar o seu cotidiano e a equipe precisa sair da acomodação das atividades diárias e trabalhar com as novas ideias e sugestões apresentadas pelos estudantes (Finkler et al., 2019; Neto et al., 2020).

Assim como relatado pela preceptora 3, Vasconcelos et al. (2016) e Pereira et al. (2023) afirmam que, a presença dos estudantes nos serviços de saúde estimula os profissionais a estudar e a buscar atualização, motivados pelo fato de não se apresentarem desatualizados diante dos alunos. Revela-se, portanto, uma contribuição valiosa não apenas para o ensino, mas também para a assistência de enfermagem, à medida que desperta o interesse de atualização por parte do preceptor, às vezes negligenciada pela própria instituição de saúde. Assim, o preceptor, ao atualizar os seus conhecimentos para melhor acompanhar os estudantes, proporciona maior qualidade na assistência prestada aos pacientes (Ribeiro et al., 2020), bem como qualidade e consistência no ensino da enfermagem (Gleriano et al., 2024).

O estágio supervisionado, por meio da preceptoria, é espaço privilegiado para a construção de relações entre o mundo do trabalho e o da formação e o preceptor é ator estratégico nessa interlocução (Carvalho; Fagundes, 2008). Esse contexto reforça a importância de fomentar oportunidades de crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional ao preceptor por meio da educação continuada e permanente (Lawall et al., 2023).

O que se apresenta nesta pesquisa produziu a compreensão de que a relação efetiva e dialógica entre todos os agentes sociais envolvidos com o processo formativo – preceptores, estudantes, docentes, gestores — constitui um ponto de partida para a transformação que se espera dos cenários de saúde pública do país e das condições de trabalho e valorização profissional (Silva et al., 2014).

A experiência da Preceptoria em enfermagem na UNEMAT provocou transformações tanto no ensino quanto nos serviços de saúde. A partir da inserção do preceptor, nas disciplinas de ECS, houve maior aproximação entre os espaços formativos, reconhecimento e valorização profissional, a ampliação do diálogo e da cooperação entre os atores e, sobretudo, a consolidação de um planejamento pedagógico construído de forma coletiva.

Considerações Finais

A Preceptoria em Enfermagem, na modalidade implantada pela instituição pesquisada, pode ser considerada uma atividade fortalecedora da integração ensino-serviço. Os relatos dos participantes da pesquisa, evidenciam mudanças significativas nas relações institucionais e profissionais após a Preceptoria, refletindo diretamente no processo formativo.

O Curso de Enfermagem conseguiu aproximar os cenários acadêmico e assistencial por meio de um trabalho colaborativo, capaz de problematizar os espaços formativos, identificando as

necessidades de mudanças e promovendo transformações para ambos.

Para os serviços de saúde, as ações desenvolvidas pelos estudantes, como parte do conteúdo curricular de formação, elaboradas e executadas em conjunto – universidade e serviço, contribuíram para qualificação dos processos de trabalho e da assistência prestada ao paciente e à comunidade. Além disso, a valorização do preceptor, por meio do seu envolvimento ativo no planejamento, acompanhamento e avaliação das atividades promoveu reconhecimento profissional, estímulo à atualização e ao desenvolvimento de novas práticas, fortalecendo a educação permanente e o compromisso com a formação em saúde.

O modelo de preceptoria adotado pelo Curso de Enfermagem da UNEMAT, diferencia-se por envolver os preceptores em todas as fases do planejamento pedagógico, do início ao fim, valorizando sua atuação e contribuindo para um avanço nas relações entre universidade e serviço de saúde e, conseqüentemente, melhorias na formação dos estudantes.

Deve-se levar em consideração como limitação deste estudo o seu desenvolvimento em apenas um curso e instituição, com um número restrito de participantes, o que pode não contemplar todas as nuances e complexidades do processo de integração ensino-serviço por meio da Preceptoria em Enfermagem. Futuros estudos em diferentes instituições poderão ampliar a compreensão sobre a temática.

Quanto às possibilidades e contribuições, este estudo oferece subsídios importantes para o fortalecimento da Preceptoria em Enfermagem enquanto estratégia de integração ensino-serviço. Contribui, ainda, para o reconhecimento da Preceptoria como atividade pedagógica e espaço de ensino-aprendizagem compartilhado, que promove o desenvolvimento profissional e o aprimoramento das práticas de cuidado no SUS.

Referências

AGUIAR, A. C. de. *A inserção do acadêmico de enfermagem no contexto da Estratégia de Saúde da Família: o papel do preceptor*. 2013, 78f. Dissertação (Mestrado) - **Mestrado Profissional em Ensino na Saúde. Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2013.**

ALBUQUERQUE, V. S.; GOMES, A. P.; REZENDE, C. H. A.; SAMPAIO, M. X.; DIAS, O. V.; LUGARINHO, R. M. *A Integração Ensino-serviço no contexto dos processos de mudança na formação superior dos profissionais da saúde*. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 32, n. 3, 2008, p. 356–362.

ARAÚJO, J. A. D.; VENDRUSCOLO, C.; ADAMY, E. K.; ZANATTA, L. TRINDADE, L. L.; KHALAF, D. K. Strategies for changing the nursing preceptorship activity in Primary Health Care. Rev Bras Enferm, v.74, n.6, 2021, p. 1-8, 2021.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. 4. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATISTA, N. A. Planejamento na prática docente em saúde. In: BATISTA, N. A.; BATISTA, S. H. (org.). *Docência em Saúde: temas e experiências*. 1. ed. São Paulo: Editora Senac, 2004.

BOTTI, S. H. de O.; REGO, S. T. de A. *Preceptor: o profissional de saúde-educador do século XXI*. Revista Brasileira de Educação Médica, v.48, n.2, 2024, p. 1-5. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. Pró-saúde: *Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde*. Brasília, 2007.

CARMO, R. M. C. V. do. *A instituição da preceptoria no setor de infectologia do Hospital Universitário Antônio Pedro: dinâmica de interação ensino-serviço*. 2013, 131f. Dissertação (Mestrado) - **Mestrado Profissional em Ensino na Saúde. Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ, 2013.**

CARVALHO, E. S. de S.; FAGUNDES, N. C. *A inserção da preceptoria no curso de graduação em enfermagem*. Rev. RENE, v. 9, n. 2, 2008, p. 98-105.

CAVALHEIRO, M. T. P.; GUIMARÃES, A. L. *Formação para o SUS e os desafios da integração ensino serviço*. Caderno FNEPAS. v. 1, 2011, p. 19-27.

FINKLER, R. U.; SILVA, A. de S. da; BONAMIGO, A. W. *Visão dos preceptores quanto à preceptoria e o acolhimento do estudante de graduação na atenção primária à saúde*. Res. Soc. Dev. v. 8, n. 2, 2019, p. 1-13, 2019.

FRANCO, M. A. S. *Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito*. Rev. bras. Estud. pedagog. (on-line), Brasília, v. 97, n. 247, 2016, p. 534-551.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. 14ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GLERIANO, J. S.; KREIN C.; REIS, J. B.; SILVA, F. A.; VIDAL, P. H. O. M.; CHAVES, L. D. P. *Preceptoria em enfermagem: desafios e estratégias para fortalecer a integração ensino-gestão-atenção-controle social*. Esc Anna Nery, v.28, 2024, 20240055.

JESUS, M. A. da C. de; MAIA, M. de L.; MACIEL, F. P.; RAMOS, J. M. dos R. M.; VASCONCELOS, P. G. da S. R.; SOUZA, B. C. H. *O que é ser preceptor de enfermagem, no âmbito da Atenção Primária em Saúde?* Contribuciones a Las Ciencias Sociales. v.16, n.12, 2023, p. 29435-29444.

LAWALL, P. Z. M.; PEREIRA, A. M. M.; OLIVEIRA, J. M. de; GASQUE, K. C da S. *A preceptoria médica em medicina de família e comunidade: uma proposta dialógica com a andragogia*. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 47, n.1, 2023, e15.

LIMA, N. G. *A pedagogia universitária na Preceptoria em enfermagem: práticas pedagógicas, papéis e as inter-relações dos sujeitos no processo formativo*. 2022, 165f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres-MT, 2022.

LIMA, P. de O.; ALMEIDA, H. F. de; RANGEL, S. C.; PINHEIRO, M. L. P. *Preceptoria em enfermagem: contribuições e desafios*. Ver. Voz. dos Vales. v. 18, n. 9, p. 1-20, 2020.

LIMA, M. B. M.; CHRIZOSTIMO, M. M. *Reflexão sobre a preceptoria de enfermagem em um hospital público do Rio de Janeiro*. Rev Pró-UniverSUS, v. 14, n.2, 2023, p.117-123.

LEAL, L. C. F. L.; BEZERRA, N. M. B.; MEDEIROS, C. E. B. de. *Importância de espaços de construção da preceptoria para as residências multiprofissionais em saúde: Um relato de experiência*. Revista Extensão, v.8, n.3, 2024, p.111-118.

NETO, P. J. de L.; VASCONCELOS, A. C. C. P. de; MEDEIROS, V. T. de A.; FORTE, F. D. S.; RIBEIRO, K. S. Q. S. *Preceptoria em Enfermagem na Estratégia Saúde da Família: Percepção dos Enfermeiros*. Revista Brasileira de Ciências da Saúde, v. 24, n.2, 2020, p.177-186.

OLIVEIRA, A. G. *Estágio supervisionado em enfermagem: visão de preceptores*. 2014, 82f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal- RN, 2014.

OLIVEIRA, Bethânia Machado Faraco. *Preceptoria na perspectiva da prática integrada: desafios da formação em saúde*. 2015, 180f. Dissertação (Mestrado) - Mestrado Profissional em Ensino na Saúde. Universidade Federal Fluminense. Niterói-RJ, 2015.

PALMIER, A. C.; TEIXEIRA, H.B.; SOUZA, C. B.; AMARAL, J. H. L.; WERNECK, M. A. F.; MARTINS, R. C. *O papel do preceptor na formação profissional em serviço de saúde*. Revista da ABENO, v. 21, n. 1, 2021, p. 1704.

PACZEK, R. S.; ALEXANDRE, E. M. *Preceptorial em enfermagem em um serviço público de saúde*. Rev enferm UFPE on line, v.13, 2019, e242697.

PAULA, G. B. de; TOASSI, R. F.C. *Papel e atribuições do preceptor na formação dos profissionais da saúde em cenários de aprendizagem do Sistema Único de Saúde*. Saberes Plurais: Educ. Saúde, v. 5, n. 2, 2021, p. 125-142.

PEREIRA, E. R. S.; SANT'ANA, E. R. R de B.; LIMA, J. *Concepções de enfermeiros sobre a preceptorial de enfermagem na emergência e urgência hospitalar*. Itinerarius Reflectionis, v.19, n.1, 2023, p. 282-300.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C. *Docência no Ensino Superior*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

QUEIROZ, A. C.R.; PEREIRA, F. A. F.; DIONÍZIO, A. A. S. *Integração ensino-serviço no âmbito do Sistema Único de Saúde: perspectivas de acadêmicos de enfermagem*. Rev Bras Med Fam Comunidade, v.16, n.43, 2021, 2512.

RIBEIRO, P. K. C.; FIRMO, W. da C. A. SOUZA, M. H. S. L.; PACHECO, M. A. B. *Os profissionais de saúde e a prática de preceptorial na atenção básica: assistência, formação e transformações possíveis*. J Manag Prim Health Care, v.12, 2020, e21.

RODRIGUES, A. M. M. *A preceptorial em campos de prática na formação do enfermeiro em Universidades de Fortaleza-Ceará*. 2012, 135f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE, 2012a.

RODRIGUES, Carla Daiane Silva. *Competências para a preceptorial: construção no Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde*. 2012, 101f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Programa de Pós-Graduação de Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012b.

RODRIGUES, P. A. *O papel do preceptor na formação do enfermeiro: o caso das Estratégias Saúde da Família (ESF) da Faculdade Arthur Sá Earp Neto (FASE)*. 2017. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis-RJ. 2017.

SANTOS, D. A. dos. *O papel da preceptorial na formação de profissionais na área da saúde*. Revista Brasileira de Educação e Saúde-REBES. v. 15, n.1, 2025, p.148-153.

SILVA, V. C.; VIANA, L. de O.; SANTOS, C. R. G. C. dos. *Social and pedagogical practice of the nurse-preceptor: a case study*. Online braz j nurs. v. 13, n. 1, 2014, p.102-12.

SILVA, F. A. da; COSTA, N. M. da S. C.; LAMPERT, J. B.; ALVES, R. *Papel docente no fortalecimento das políticas de integração ensino-serviço-comunidade: contexto das escolas médicas brasileiras*. Interface comunicação, saúde e educação, v. 22, n. 1, 2018, p.1411-23.

SILVA, T. C. M. da; ANDRADE, P. O. de; COSTA, A. J. da; SOUZA, S. R. de; SOUZA, V. R. de; VALENTE, G. S. C.; ALMEIDA, I. S. de. *O papel do enfermeiro preceptor na residência de enfermagem em uma instituição militar*. Research, Society and Development, v. 10, n. 5, 2021, e16010514862.

SILVA, A. A. da; BAGGIO, E.; MARTINS, V. A.; HATTORI, T. Y.; NASCIMENTO, V. F.; TERÇAS-TRETTEL, A. C. P. *Vivências de estudantes de enfermagem na preceptorial em saúde*. Journal Health NPEPS. v.7, n.1, 2022, e6378.

SOARES, S. R. *Desafios das práticas pedagógicas na universidade: experiência e construção de sentido na formação de profissionais*. In: CUNHA, Maria Isabel da; RIBEIRO, Gabriela Machado Ribeiro (Org.). *Práticas pedagógicas na Educação Superior: desafios dos contextos emergentes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020. 253 p. – (Série RIES/PRONEX; 8).

TONG, A.; SAINSBURY, P.; CRAIG, J. *Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups*. J Qual Health Care. v. 19, n. 6, 2007, p. 349-57.

UNEMAT. Universidade do Estado de Mato Grosso. Resolução No 047/2018 – CONEPE. Aprova o Regimento do Estágio Curricular do Curso de Bacharelado em Enfermagem ofertados pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Cáceres, 2018.

VASCONCELOS, A. C. F.; STEDEFELDT, E.; FRUTUOSO, M. F. P. *Uma experiência de integração ensino-serviço e a mudança de práticas profissionais: com a palavra, os profissionais de saúde*. Interface comunicação, saúde e educação, v.20, n.56, 2016, p.147-58.

VENDRUSCOLO, C.; PRADO, M. L.; KLEBA, M. E. *Integração ensino-serviço no âmbito do Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde*. Ciência & Saúde Coletiva, v. 21, n.9, 2016, p.2949-2960.

ZARPELON, L. F. B.; BATISTA, N. A. *A gestão da integração ensino-serviço nas escolas médicas do Paraná, PR, Brasil*. Interface, v.26, 2022, e220089.

Recebido em 12 de maio de 2025

Aceito em 15 de junho de 2025

Publicado em 30 de junho de 2025